

Os Homens do PARASAR

RUBEM BRAGA

ESTOU me lembrando agora do encontro casual que tive há tempos, na sauna da Academia do Haroldo Brito, aqui em Ipanema, com um jovem oficial do PARASAR — sigla que, não sei porque, designa os pára-quedistas do Serviço de Busca e Salvamento. Ele falava com orgulho de seus homens que, apesar de não contarem com todos os recursos desejáveis, executam as missões mais perigosas e penosas de salvamento.

Conversamos sobre o treinamento desses homens, os testes pelos quais devem passar para provar sua força, agilidade e resistência. Ele me contou então que há uma prova a que sucumbem muitos elementos altamente capacitados física e mentalmente: é a que os prepara para lidar com cadáveres em decomposição. Há indivíduos totalmente incapazes de superar a repugnância física. É preciso «ter estômago» para conter a náusea e cumprir a tarefa. E esta é essencial, pois no caso de um desastre em que há mortos, uma das funções dos homens do PARASAR é recolher os restos.

O PARASAR, é, na verdade, uma pequena tropa de elite; exige de seus homens não apenas capacidade, e o risco de vida como rotina, como espírito de sacrifício, abnegação. A mesma que intrepidez outros têm para matar, ele deve ter para salvar; ele é o patrulheiro da vida e da esperança no palco da desgraça e da morte. É fundamental, nele, o sentimento de apreço à vida de seu semelhante, seja este quem for.

Ora, houve quem tentasse utilizar esses homens heróicos em missões especiais. Alguém raciocinou que, para salvar o Brasil, era preciso eliminar alguns civis e militares subversivos ou corruptos. Tudo extremamente simples: fazer uma lista dos máis elementos, mandar raptá-los, metê-los a bordo de um avião e jogá-los no mar, a algumas centenas de milhas da costa. O Brasil ficaria limpo, a Pátria estaria salva.

Não quero discutir aqui o que há de primário e insensato nessa idéia: se cada patriota militar ou civil se arrogar o direito de condenar à morte e executar aqueles que, no momento, julga prejudiciais à Pátria, esta se transformará em um vasto matadouro, numa carnificina permanente. Quero discutir apenas o motivo que levou um ou alguns «patriotas» a pensar que os homens do PARASAR eram os mais adequados para cumprir tal missão. Deve ter partido da idéia de que homens intrépidos e duros, de estômago forte para enfrentar missões repugnantes, mas necessárias, eram os indicados.

E aí estava o erro: os homens do PARASAR provaram que são capazes de vencer a repugnância física, mas não a moral. A missão de que desejavam encarregá-los repugnou-lhes de maneira incoercível, pela sua covardia. Um homem pode tapar o nariz; mas como tapar a consciência? Eles sentiram a monstruosidade dos que queriam utilizar homens acostumados a salvar vidas em frios assassinos. Para isso não, não tiveram estômago. Sentiram asco; desobedeceram.

Foram punidos: deviam ser condecorados com a Medalha de Ouro da Obediência, porque, desobedecendo a um superior, eles obedeceram à lei, a consciência, à humanidade.